

COMANDO ATACA EM MOÇAMBIQUE

COOPERANTE PORTUGUÊS MORTO POR ENGANO?

Primeiro
de Janeiro
(Paró)

24/8/82

Um cooperante português foi assassinado anteontem de madrugada na localidade de Namaacha, juntamente com dois moçambicanos.

O assassinato das três pessoas foi atribuído por testemunhas a homens armados que surgiram na povoação depois de ela ter sido sobrevoada por helicópteros.

Outras três pessoas foram raptadas e duas mulheres vítimas de tentativa de violação com uso de um tubo.

As testemunhas referenciaram, entre o grupo de homens armados, um branco pintado de preto.

António de Figueiredo, o português assassinado, estava há cerca de um ano e meio em Moçambique, ao serviço do Ministério da Agricultura.

Encontrava-se em casa com a mulher e dois filhos quando, depois de terem batido à porta, deparou com um homem que lhe apontou uma pistola com silenciador.

Ainda tentou resistir, de acordo com relatos atribuídos a sua mulher, mas acabou por ser atingido e teve morte quase imediata.

A Namaacha fica numa zona montanhosa a cerca de 80 quilómetros a ocidente de Maputo, na fronteira com a Suazilândia.

O português morto, António Manuel Pereira de Figueiredo, tinha completado 31 anos em Julho, era natural de Torres Novas e pai de duas filhas.

A operação da madrugada de domingo na Namaacha,

deve ter sido executada por um comando sul-africano, comentam fontes não oficiais em Maputo.

Pelo menos, uma das três pessoas abatidas, o cooperante português António de Figueiredo, ocupava actualmente uma casa que, de acordo com uma versão não oficial, serviu anteriormente de residência de refugiados

sul-africanos do ANC (Congresso Nacional Africano).

Ao dirigir-se a casa do cooperante, o comando deveria provavelmente ir em busca dos seus antigos moradores, o mesmo podendo ter acontecido com dois moçambicanos mortos, tomados como membros do ANC.

Uma operação com estes objectivos, sugerem as fontes,

só dificilmente poderia não ser atribuída à África do Sul, cuja política é de perseguir e eliminar elementos do ANC no estrangeiro.

No princípio da semana passada, uma activista do ANC, a investigadora Ruth First, foi morta em Maputo ao abrir uma carta-armadilha, num atentado oficialmente atribuído à África do Sul.